

minha sombria vanessa
kate elizabeth russell

Tradução de Susana Serrão

Cresci e fui educada no estado do Maine – primeiro numa escola particular (diurna) no nono e no décimo ano, até sair por motivos pessoais e, mais tarde, na faculdade. Dadas as semelhanças entre esses factos gerais e certos elementos ficcionais desta obra, tenho noção de que os leitores vagamente conhecedores do meu historial possam tirar a conclusão errónea de que estou a contar uma história secreta desses acontecimentos. De todo; esta é uma obra de ficção, e as personagens e as situações são inteiramente imaginárias.

Quem acompanhar as notícias dos últimos anos tem visto histórias que sugerem a narrativa deste romance, reformulada pela minha imaginação. Incluí outras influências como, por exemplo, a teoria do trauma crítico, a cultura popular e o pós-feminismo de inícios do século, e os meus próprios e complexos sentimentos para com o romance *Lolita*. Tudo isto se insere no processo normal da escrita de ficção. Todavia, e a bem da prudência, vale a pena reiterar que não há nada neste romance destinado a recontar acontecimentos reais. Além dos paralelos gerais supramencionados, não se trata da minha história pessoal, nem dos meus professores, nem de ninguém conhecido.

*Para as
Dolores Hazes e as Vanessas Wyes da vida real,
cujas histórias ainda não foram ouvidas,
levadas a sério, ou compreendidas*

2017



PREPARO-ME PARA IR TRABALHAR E A PUBLICAÇÃO ESTÁ NA REDE há oito horas. Enquanto enrolo o cabelo, vou renovando a página. Até agora, 224 partilhas e 875 gostos. Visto o fato de lã preta, torno a renovar a página. Procuro os sapatos pretos debaixo do sofá, renovo a página. Prendo na lapela o crachá dourado com o nome, renovo. A cada vez, os números sobem e os comentários multiplicam-se.

És tão forte.

És tão corajosa.

Que espécie de monstro faria isso a uma criança?

Abro a última SMS, enviada ao Strane quatro horas antes: Então, estás bem...? Ele ainda não respondeu, nem sequer leu. Teclou outra — Estou aqui se quiseres falar —, penso duas vezes e apago-a, mando uma linha sem palavras e cheia de pontos de interrogação.guardo uns minutos, tento ligar-lhe mas, quando ouço o correio de voz, enfio o telemóvel no bolso e saio do apartamento, bato com a porta atrás de mim. Não há necessidade deste esforço. Ele criou esta trapalhada. O problema é dele, não meu.

No trabalho, sento-me ao balcão da portaria, no canto do átrio do hotel, e dou aos hóspedes recomendações onde ir e o que comer. Estamos na reta final da época alta, os últimos turistas de passagem para ver a folhagem, antes de o Maine se fechar para o inverno. Com um sorriso inabalável que não me chega propriamente aos olhos, faço reserva para jantar a um casal que festeja o primeiro aniversário e trato de que haja uma garrafa de champanhe para quando regressarem ao quarto, um gesto que mostra brio e esmero, o género de coisa que me há de render boa gorjeta. Chamo um

automóvel para levar uma família ao aeroporto. Um homem que fica no hotel a negócios segunda-feira sim, segunda-feira não, traz-me três camisas sujas e pergunta se podem ser limpas a seco para amanhã.

— Vou tratar disso — respondo.

O homem sorri e pisca-me o olho.

— A Vanessa é a maior.

Durante a pausa, sento-me num cubículo vazio no escritório, a olhar para o telemóvel e a comer uma sandes já com um dia, que ficou de um evento com *catering*. Agora é compulsivo verificar a publicação no Facebook; não consigo impedir os dedos de se mexerem, nem os olhos de dardejarem pelo ecrã, vou assimilando a subida de gostos e partilhas, as dúzias de *és* destemida, continua a contar a verdade, acredito em ti. Estou a ler e vejo as reticências a piscar — está alguém a deixar um comentário neste mesmo segundo. Nisto, como por magia, aparece outro, outra mensagem de força e apoio que me faz enxotar o telemóvel em cima da secretária e atirar o resto da sandes seca para o lixo.

Estou para voltar ao átrio quando me começa a vibrar o telemóvel: JACOB STRANE A CHAMAR. Rio-me quando atendo, aliviada por ele estar vivo, por me telefonar.

— Estás bem?

Por instantes, ouço apenas ar e fico paralisada, de olhos fixos na janela com vista para a Monument Square, o mercado hortícola de outono e as rulotes. Estamos no princípio de outubro, em pleno outono, a altura em que tudo em Portland parece saído de um catálogo da L. L. Bean — abóboras e cabaças, jarros de sidra. Uma mulher de camisa axadrezada e botas de lona atravessa a praça, a sorrir para o bebé que leva ao peito.

— Strane?

Ele exala pesadamente.

— Deves ter visto.

— Pois vi — respondo.

Não faço perguntas mas, mesmo assim, ele lança-se em explicações. Diz que a escola vai abrir inquérito e que ele se está a preparar para o pior. Calcula que o obriguem a demitir-se. Duvida chegar ao fim do ano letivo, talvez nem chegue às férias de Natal. Ouvir a voz dele é um tal choque que me custa acompanhar o que diz. Há meses que não falávamos, quando eu estava tolhida pelo pânico da morte do meu pai, de ataque cardíaco, e contei ao Strane que já não conseguia; a mesma súbita incursão de moralidade que tenho tido ao longo de anos de borradas — empregos perdidos,

rompimentos, esgotamentos — como se ser boazinha pudesse corrigir retroativamente todas as coisas que estraguei.

— Mas já fizeram inquérito quando ela era tua aluna — digo.

— Vão rever. Toda a gente vai ser interrogada outra vez.

— Se decidiram que não fizeste nada de mal na altura, porque é que haveriam de mudar de ideias agora?

— Tens tomado atenção às notícias, ultimamente? — pergunta ele. — Vivemos outros tempos.

Quero dizer-lhe que está a dramatizar, que vai correr tudo bem desde que ele seja inocente, mas sei que tem razão. No último mês, há qualquer coisa que tem vindo a ganhar ímpeto, uma onda de mulheres a denunciarem homens por assédio, abuso. Os principais alvos são celebridades — músicos, políticos, estrelas de cinema —, mas também foram apontados homens menos famosos. Seja qual for o historial, os acusados seguem as mesmas etapas. Primeiro, negam tudo. Em seguida, visto que o burburinho de acusações não quer amainar, demitem-se vergonhosamente dos empregos e fazem declarações a pedir desculpas vagas, ficam aquém de admitir-se culpados. Tem sido surreal assistir a isto, dia após dia, estes homens a caírem que nem patinhos.

— Há de correr bem — digo. — Tudo o que ela escreveu é mentira.

Ao telefone, o Strane sorve ar e ouço-o assobiar entre dentes.

— Não sei se ela está a mentir, pelo menos não em rigor.

— Mas tu mal lhe tocaste. Na publicação, ela diz que abusaste dela.

— Abuso — diz ele, escarninho. — Qualquer coisa pode ser abuso, assim como maus-tratos pode querer dizer que agarraste em alguém pelo pulso ou deste um empurrão num ombro. Em termos legais, não tem sentido.

Olho pela janela para o mercado hortícola: o povo entretido, as gaivotas pelo ar. Uma mulher que vende comida abre uma panela metálica, solta uma nuvem de vapor quando tira dois *tamales*.

— Sabes, ela mandou-me mensagem na semana passada.

Instante de silêncio.

— Ai, sim?

— Queria ver se eu também falava. Provavelmente achava-se mais credível se também me levasse.

O Strane não diz nada.

— Não respondi. Obviamente.

— Pois — diz ele. — Claro.

— Achei que era só a armar-se. Não me pareceu que tivesse lata para isso.

Inclino-me para a frente, encosto a testa à janela.

— Vai correr bem. Sabes qual é a minha posição.

Com isto, ouço-o exalar. Consigo imaginar o sorriso de alívio na cara, os vincos nos cantos dos olhos.

— Era só o que eu precisava de ouvir — diz.

De volta ao balcão da portaria, abro o Facebook, escrevo “Taylor Birch” na barra de pesquisa, e o perfil dela enche o ecrã. Desço pelo escasso conteúdo público que ando a esmiuçar há anos, as fotos e atualizações de vida, e agora, no topo, a publicação sobre o Strane. Os números continuam a subir — 438 partilhas agora, 1,8 mil gostos, além de novos comentários, mais do mesmo.

Isto é tão inspirador.

Admiro-te a força.

Continua a contar a tua verdade, Taylor.

*

QUANDO EU E O STRANE NOS CONHECEMOS, TINHA EU QUINZE anos e ele quarenta e dois, quase trinta anos perfeitos entre nós. Era assim que eu descrevia a diferença na altura — perfeita. Adorava a matemática disso, três vezes a minha idade, a facilidade de imaginar três de mim dentro dele: uma aninhada no cérebro, outra no coração, a terceira transformada em líquido e a correr-lhe nas veias.

Em Browick, disse ele, havia romances entre professores e alunos esporadicamente, mas ele nunca tinha tido porque, antes de mim, nunca lhe dera vontade. Fui a primeira aluna a meter-lhe essa ideia na cabeça. Havia algo em mim que valia a pena o risco. Eu tinha um ar que o atraía.

Não tinha que ver com a minha idade, para ele, não. Acima de tudo o mais, ele adorava a minha mente. Disse que eu tinha inteligência emocional ao nível do génio e que escrevia como um prodígio, que podia conversar comigo, desabafar comigo. Algures dentro de mim, disse, havia um romantismo sombrio, do mesmo género que ele via dentro de si. Nunca ninguém compreendera esse aspeto sombrio dele até aparecer eu.

— Azar o meu — disse ele —, quando finalmente conheço a minha alma gémea, ela tem quinze anos de idade.

— Se quiseres falar de azar — retorqui —, experimenta ter quinze anos e a tua alma gémea ser um velho qualquer.

Ele perscrutou-me o rosto depois de eu dizer isto, a ver se era a brincar — claro que era. Eu não queria nada com rapazes da minha idade, cheios de caspa e acne, cruéis, a recortar raparigas por partes, a pontuar partes do corpo numa escala de um a dez. Eu não fui feita para eles. Adorava a cautela madura do Strane, o namoro vagaroso que me fez. Comparou a cor do meu cabelo à das folhas do ácer, meteu-me poesia nas mãos — Emily, Edna, Sylvia. Fez-me ver a mim mesma como ele me via, uma rapariga com o poder de me erguer com cabelo ruivo e de o comer como ar. Ele amava-me tanto que, por vezes, quando eu saía da sala de aula, se sentava na minha cadeira e encostava a cabeça à carteira, tentava inalar o que ficara de mim. Tudo isto aconteceu ainda antes de nos beijarmos. Era cuidadoso comigo. Esforçou-se tanto por ser bom.

É fácil apontar quando tudo começou, aquele momento de entrar na sala de aula inundada de sol e sentir os olhos dele a absorverem-me pela primeira vez, mas é mais difícil saber quando terminou, se é que terminou realmente. Creio que parou quando eu tinha vinte e dois anos, quando ele disse precisar de se recompor e não poder ter uma vida decente comigo ao seu alcance mas, na última década, tem havido telefonemas a desoras, eu e ele a revivermos o passado, a mexermos na ferida que ambos recusamos deixar sarar.

Depreendo que serei aquela a quem ele há de recorrer, daqui a dez ou quinze anos, quando o corpo começar a ceder. Parece-me o fim provável desta história de amor: eu a largar tudo e a fazer tudo e mais alguma coisa, dedicada como um cão, enquanto ele tira e tira e só sabe tirar.

SAIO DO TRABALHO ÀS ONZE E PERCORRO AS RUAS VAZIAS DA Baixa, conto cada quarteirão por onde passo sem rever a publicação da Taylor como vitória pessoal. No meu apartamento, continuo sem olhar para o telemóvel. Penduro a farda, tiro a maquilhagem, fumo uma cachimbada na cama e apago a luz. Autodomínio.

Porém, às escuras, algo muda dentro de mim quando sinto os lençóis a deslizarem-me nas pernas. De súbito, estou carente — queria que ele me tranquilizasse, ouvi-lo dizer claramente que claro que não fez o que a rapariga diz que fez. Preciso que ele diga outra vez que ela mente, que ela já mentia há dez anos e continua a ser mentirosa, levada agora pelo canto da sereia das vítimas.

Ele atende a meio do primeiro toque, como se contasse com a chamada.

— Vanessa.

— Desculpa. Sei que é tarde.

Acobardo-me, sem saber como pedir o que quero. Há tanto tempo que não fazemos isto. Os meus olhos percorrem o quarto escuro, miram a silhueta da porta aberta do roupeiro, a luz do candeeiro da rua no teto. Na cozinha, o frigorífico zumbe e a torneira pinga. Ele deve-me isto, pelo meu silêncio, pela minha lealdade.

— Não demoro — digo. — Só uns minutos.

Ouçõ mexer nas mantas quando ele se senta na cama e passa o telemóvel para o outro ouvido e, por instantes, penso que vai dizer não. Nisto, no meio sussurro que me derrete os ossos em leite, começa a contar-me como eu era: *Vanessa, tu eras jovem e ressumavas beleza. Eras adolescente e erótica e tão viva que me metias um medo do caraças.*

Viro-me de barriga para baixo e enfio uma almofada entre as pernas. Peço-lhe que me dê uma lembrança para eu habitar. Fica calado enquanto escolhe as cenas.

— No gabinete atrás da sala de aula — diz. — Era o pino do inverno. Tu, deitada no sofá, a pele toda arrepiada.

Fecho os olhos e estou no gabinete — paredes brancas e soalhos luzidios, a mesa com uma resma de testes por avaliar, um sofá áspero, um radiador sibilante, e uma única janela, octogonal com vidro da cor da espuma do mar. Fixava nela os olhos enquanto ele se entretinha comigo, sentindo-me debaixo de água, o corpo sem peso e ondulante, sem querer saber para que lado estava virado.

— Eu beijava-te, chupava-te. Fazia-te ferver. — Ele solta um risinho. — Era isso que lhe chamavas. “Faz-me ferver.” As expressões engraçadas que tu tinhas. Eras tão envergonhada, detestavas falar disso, só querias que me despachasse. Lembras-te?

Não me lembro ao pormenor. Tantas lembranças de então, ensombreadas, incompletas. Preciso que ele preencha as lacunas, embora, por vezes, a rapariga que ele descreve me pareça uma estranha.

— Custava-te não fazer barulho — diz. — Mordias-te toda para te calar. Lembro-me de que, uma vez, mordeste o lábio inferior com tanta força que começaste a sangrar, mas não me deixaste parar.

Enfio a cara no colchão, roço-me toda na almofada enquanto as palavras dele me inundam a cabeça e me transportam da minha cama até um passado em que tenho quinze anos e estou nua da cintura para baixo,

esparramada no sofá do gabinete dele, a tremer, a arder, ele ajoelhado entre as minhas pernas, os olhos fixos na minha cara.

Meu Deus, Vanessa, o teu lábio, diz ele. Estás a sangrar.

Abano a cabeça e enterro os dedos nos estofos. Não faz mal, continua. Despacha-te com isso.

— Eras tão insaciável — diz o Strane. — Esse corpinho firme.

Respiro fundo pelo nariz quando me venho, e ele pergunta-me se me lembro da sensação. Sim, sim, sim. Lembro. É às sensações que me tenho conseguido agarrar — as coisas que ele me fazia, a maneira como fazia o meu corpo contorcer-se e pedir mais.

HÁ OITO MESES QUE ME ENCONTRO COM A RUBY, DESDE QUE O MEU PAI faleceu. Ao princípio, era terapia pelo luto, mas passaram a ser conversas sobre a minha mãe, o meu ex-namorado, o quanto me sinto presa neste emprego, o quanto me sinto presa em tudo. É uma indulgência, mesmo com a taxa variável da Ruby — cinquenta dólares semanais só para alguém me ouvir.

O consultório dela não fica longe do hotel, uma sala suavemente iluminada com duas poltronas, um sofá, e mesinhas baixas com pacotes de lenços. As janelas têm vista para a Casco Bay: gaivotas a esvoaçar acima dos molhes de pesca, petroleiros vagarosos, passeios turísticos anfíbios que grasnam com a facilidade de entrar na água e passar de autocarro a barco. A Ruby é mais velha do que eu, do género mana mais velha e não mãe, com cabelo louro aguado e roupa *hippie*. Adoro os tamancos de salto de madeira dela, o clac-clac-clac que fazem quando anda pelo consultório.

— Vanessa!

Adoro também a maneira como ela diz o meu nome ao abrir a porta, como se ficasse aliviada por me ver a mim e a mais ninguém.

Nessa semana, falamos da perspectiva de eu ir a casa nas férias seguintes, as primeiras sem o meu pai. Preocupa-me que a minha mãe esteja deprimida e não saiba como abordar o assunto. Juntas, eu e a Ruby arquitetamos um plano. Analisamos situações, as probabilidades de reação da minha mãe se lhe sugerir que procure ajuda.

— Desde que fales nisso com compaixão — diz a Ruby —, creio que irá correr bem. Vocês são chegadas. Conseguem falar de temas difíceis.

Chegada à minha mãe? Não discuto, mas não concordo. Por vezes, fico espantada com a minha facilidade para enganar as pessoas, sem sequer me esforçar.

Consigno não rever a publicação no Facebook até ao fim da consulta, quando a Ruby pega no telemóvel para inserir a nossa próxima marcação no calendário. Levanta os olhos, apanha-me a navegar furiosamente e pergunta se há novidades.

— Deixa-me adivinhar — diz —, mais um abusador denunciado.

Levanto os olhos do telemóvel, pernas e braços frios.

— É uma coisa infundável, não é? — Ela faz um sorriso triste. — Não há como fugir.

Começa a falar da celebridade mais recente, um realizador que fez carreira com filmes sobre mulheres brutalizadas. Nos bastidores desses filmes, aparentemente ele gostava de se mostrar a jovens atrizes e de as levar a fazerem-lhe mamadas.

— Quem diria que o tipo era abusador? — pergunta a Ruby, sarcástica.

— Os filmes dele são prova disso. Estes homens escondem-se à vista de todos.

— Só porque os deixamos — digo. — Todos fazemos vista grossa.

Vejo-a anuir.

— Tens toda a razão.

É arrepiante falar assim, chegar tão perto do abismo.

— Não sei o que pensar de todas as mulheres que trabalharam com ele repetidamente — digo. — Mas não tinham respeito por si mesmas?

— Bem, não se pode censurar as mulheres — diz a Ruby. Não discuto, limito-me a entregar-lhe o cheque.

EM CASA, FICO GANZADA E ADORMEÇO NO SOFÁ COM TODAS AS luzes acesas. Às sete da manhã, o telemóvel vibra com SMS no soalho duro, e tropeço sala fora para o ir buscar. A minha mãe. Olá, fofinha. Estava a pensar em ti.

A olhar para o ecrã, tento avaliar o que ela sabe. A publicação da Taylor no Facebook já tem três dias e, embora a minha mãe já não se dê com ninguém de Browick, foi partilhada amplamente. Além disso, ela agora passa a vida na Internet, num ciclo infundável de gostos, partilhas e discussões com *trolls* conservadores. Pode muito bem tê-la visto.

Minimizo a SMS e abro o Facebook: 2,3 mil partilhas, 7,9 mil gostos. Esta noite, a Taylor atualizou com esta entrada:

ACREDITEM NAS MULHERES.

2000



A VIRAR PARA A AUTOESTRADA DE DUAS FAIXAS QUE NOS LEVA para Norumbega, a minha mãe diz:

— Quero mesmo que saias mais, este ano.

É o início do meu segundo ano no secundário, dia de me mudar para o dormitório, e esta deslocação é a última oportunidade de a minha mãe me exigir cumprimento de promessas, antes de Browick me engolir inteira e o acesso dela ficar limitado a telefonemas e férias escolares. No ano passado, ralou-se que o colégio interno me faria portar-me mal, e fez-me prometer não me embebedar nem ter relações sexuais. Este ano, quer a promessa de fazer novas amizades, o que me parece exponencialmente maior insulto, talvez até crueldade. A minha briga com a Jenny foi há cinco meses, mas ainda custa. A simples expressão “novas amizades” dá-me volta ao estômago; a ideia parece-me uma traição.

— Só não quero que fiques sozinha no quarto dia e noite — diz ela. — É pedir muito?

— Se estivesse em casa, não sairia do quarto.

— Mas não estás em casa. Não é essa a questão? Lembro-me de dizeres qualquer coisa sobre “tecido social” quando nos convenceste a deixar-te vir para cá.

Afundo-me no lugar do passageiro, desejosa de que o meu corpo se possa entranhar nele por completo, para não ter de a ouvir empregar as minhas palavras contra mim. Há ano e meio, quando um representante de Browick foi ao meu oitavo ano e mostrou um vídeo de aliciamento com um *campus* impecável e banhado numa luz dourada, e quando comecei o processo de convencer os meus pais a deixarem-me candidatar-me, fiz uma lista de vinte tópicos intitulada “Razões para Browick ser melhor do que a escola pública”. Um dos tópicos era o “tecido social” do colégio, junto com a

taxa de aceitação na universidade, a quantidade de cursos avançados, coisas que escolhi da brochura. Por fim, só precisei de duas coisas para convencer os meus pais: ganhei uma bolsa de estudo e já não lhes custava dinheiro nenhum, e aconteceu o tiroteio em Columbine. Passámos dias a ver a CNN, os vídeos em *repeat* de miúdos a fugir para salvar a vida. Quando eu disse: “Em Browick nunca aconteceria nada parecido com Columbine”, os meus pais entreolharam-se, como se eu tivesse dado voz ao que eles já pensavam.

— Passaste o verão amuada — diz a minha mãe. — Já é altura de acabar com isso e de passar à frente. — Ao que eu resmungo:

— Não é verdade — mas é.

Quando não estava absorta diante da televisão, estava deitada na cama de rede com os auscultadores, a ouvir canções para chorar. A minha mãe diz que repisar sentimentos não é maneira de viver, que há de haver sempre qualquer coisa para nos chatear, que o segredo da vida feliz é não nos deixarmos levar pelas coisas negativas. Ela não compreende a satisfação que a tristeza pode trazer; as horas passadas embalada na cama de rede, com a Fiona Apple aos ouvidos, fazem-me sentir melhor do que feliz.

No carro, fecho os olhos.

— Preferia que o pai tivesse vindo, para não falares assim comigo.

— Ele diria a mesma coisa.

— Pois, mas seria mais simpático.

Mesmo de olhos fechados, consigo ver tudo que passa pela janela. Só estou no segundo ano em Browick, mas já fiz esta viagem uma dúzia de vezes, no mínimo. Há vacarias e sopés verdejantes, típicos do Maine ocidental, armazéns com publicidade a cerveja fresca e isco vivo, quintas com telhados que abateram, coleções de sucata enferrujada em campos de ervas e virgas-áureas até à cintura. Assim que entramos em Norumbega, fica lindíssimo — o centro da terra perfeito, a padaria, a livraria, o restaurante italiano, a tabacaria alternativa, a biblioteca, e o *campus* de Browick na colina, reluzente em ripas brancas e tijoleira.

A minha mãe vira o carro para a entrada principal. A grande tabuleta Colégio Browick está enfeitada com balões brancos e castanhos para o dia da entrada, e as estradas estreitas do *campus* estão apinhadas de carros, carrinhas atulhadas e mal estacionadas, pais e novos alunos a passear e a contemplar os edifícios. A minha mãe inclina-se para a frente, para cima do volante, e o ar entre nós contrai-se quando o carro arranca, para, e arranca outra vez.

— Tu és uma miúda esperta e interessante — diz ela. — Devias ter um

grande grupo de amigos. Não fiques ensimesmada a passar o tempo só com uma pessoa.

As palavras são mais agrestes do que ela provavelmente faz tenção, mas refilo mesmo assim.

— A Jenny não era uma pessoa qualquer. Era minha *companheira de quarto*. — Digo as palavras como se o significado da relação devesse ser óbvio: a sua proximidade desorientadora, a maneira como podia, por vezes, emudecer e empalidecer o mundo além do quarto partilhado, mas a minha mãe não percebe. Nunca viveu num dormitório, nunca andou na universidade, quanto mais num colégio interno.

— Companheira de quarto ou não — diz —, podias ter tido outras amigas. Concentrar-se numa só pessoa não é saudável, a meu ver.

À nossa frente, a fila de carros divide-se conforme nos acercamos do relvado do *campus*. A minha mãe acende o pisca esquerdo, depois o direito.

— Para que lado hei de ir?

A suspirar, aponto para a esquerda.

O dormitório Gould é pequeno, praticamente uma casa, com oito quartos e um apartamento para o responsável. No ano passado, saiu-me um número baixo na lotaria do alojamento e consegui ficar num sozinha, coisa rara num segundo ano. Eu e a minha mãe fazemos quatro viagens para mudar todas as minhas coisas: duas malas com roupa, um caixote com livros, mais almofadas e lençóis e uma colcha que ela fez com *t-shirts* que já não me serviam, uma ventoinha de pé que montamos para oscilar no meio do quarto.

Enquanto desemalamos, passam pessoas pela porta aberta — pais, alunos, o irmão mais novo de alguém que corre para cima e para baixo no corredor até tropeçar e desatar a queixar-se. A dada altura, a minha mãe vai à casa de banho e ouço-a dizer olá naquela voz que se finge bem-educada, e a voz de outra mãe a retribuir. Paro de empilhar livros na prateleira por cima da escrivaninha para me pôr à escuta. Semicerro os olhos e tento identificar a voz — a Sra. Murphy, mãe da Jenny.

A minha mãe volta ao quarto, fecha a porta.

— Está a ficar barulhento lá fora — diz.

A pôr livros na prateleira, pergunto:

— Era a mãe da Jenny?

— Hum, hum.

— Viste a Jenny?

A minha mãe faz que sim com a cabeça mas não desenvolve. Durante

algum tempo, arrumamos as coisas em silêncio. Ao fazer a cama, a entalar o lençol com elástico no colchão às risquinhas, digo:

— Sinceramente, tenho pena dela.

Sei ao que soa, mas claro que é mentira. Ainda esta noite, passei uma hora a ver-me ao espelho do meu quarto, a tentar olhar para mim como a Jenny faria, se iria reparar no meu cabelo aclarado com *Sun In*, as argolas novas nas orelhas.

A minha mãe não diz nada quando tira a colcha de um saco de plástico. Sei que está preocupada que eu volte atrás, que acabe com um desgosto outra vez.

— Mesmo que ela tentasse ser minha amiga agora — digo —, não estou para perder tempo.

A minha mãe faz um ligeiro sorriso, alisa a colcha em cima da cama.

— Ela ainda namora com aquele rapaz?

Refere-se ao Tom Hudson, namorado da Jenny, o catalisador da desavença. Encolho os ombros como se não soubesse, mas sei. Claro que sei. Passei o verão a espreitar o perfil da Jenny na AOL, e o estado civil nunca passou de “Comprometida”. Ainda estão juntos.

Antes de se ir embora, a minha mãe dá-me quatro notas de vinte e faz-me prometer telefonar para casa todos os domingos.

— Nada de esquecimentos — manda ela. — E vais a casa para os anos do pai. — Abraça-me com tanta força que até me doem os ossos.

— Não consigo respirar.

— Desculpa, desculpa. — Põe os óculos de sol para esconder os olhos lacrimosos. À saída do quarto, aponta-me um dedo. — Trata-te bem. E sê sociável.

Aceno para a despachar.

— Pois, pois.

Fico a vê-la descer o corredor, desaparecer na escada, sumir. Ali de pé, ouço duas vozes que se aproximam, o riso luminoso de mãe e filha a fazer eco. Escondo-me na segurança do meu quarto quando aparecem, a Jenny e a mãe. Só tenho um vislumbre, o suficiente para lhe ver o cabelo mais curto e um vestido que me lembro de lhe ver no roupeiro todo o ano passado, mas que nunca a vi usar.

Deitada na cama, deixo os olhos vaguearem pelo quarto e ouço as despedidas no corredor, fungadelas e choros mansos. Recordo-me do ano anterior, de entrar para o dormitório dos caloiros, da primeira noite a pé com a Jenny, os Smiths e os Bikini Kill a tocar na aparelhagem, bandas

de que nunca tinha ouvido falar mas que fingia conhecer, porque tinha pavor de parecer tansa ou campônia. Ralava-me que, se parecesse, ela já não gostasse de mim. Nesses primeiros dias em Browick, escrevi no meu diário: “O que mais gosto aqui é de conhecer pessoas como a Jenny. Ela é tão fixe, só de estar com ela também aprendo a ser fixe!” Desde então, arranquei essa folha, deitei-a fora. Só de a ver ficava com a cara a arder de vergonha.

O responsável do dormitório Gould é a Professora Thompson, de Espanhol, acabada de vir da universidade. Na primeira reunião noturna na sala comum, ela dá-nos marcadores e pratos de papel para fazermos dísticos com o nome e pôr nas nossas portas. As outras raparigas do dormitório são finalistas, eu e a Jenny as únicas do segundo ano. Damos bastante espaço uma à outra, sentamo-nos em pontas opostas da mesa. A Jenny debruça-se toda a fazer o dístico, o cabelo castanho médio a cair-lhe nas bochechas. Quando levanta a cabeça para respirar e trocar de marcadores, os olhos passam por mim como se nem sequer me vissem.

— Antes de voltarem para o quarto, levem um destes — diz a Professora Thompson, e mostra um saco de plástico. Ao princípio, acho que são guloseimas, mas depois vejo um monte de apitos prateados.

— O mais certo é nunca precisarem de usar isto — diz ela —, mas é bom ter um à mão.

— Para que é que precisamos de um apito? — pergunta a Jenny.

— Oh, sabem, é só uma medida de segurança no *campus*. — A Professora Thompson sorri tanto, percebo logo o embaraço.

— Mas o ano passado não nos deram.

— É para o caso de alguém te tentar violar — diz a Deanna Perkins. — Sopras no apito para ele parar. — Ela leva um apito aos lábios e sopra com força. Ouve-se pelo corredor fora, e o barulho é tão satisfatório que todas temos de experimentar.

A Professora Thompson tenta falar por cima do barulho.

— Pronto, pronto. — Ri-se. — Deve ser bom verificar se funcionam.

— Mas isto impede alguém que nos queira violar? — pergunta a Jenny.

— Não há nada que consiga parar um violador — diz a Lucy Summers.

— Não é verdade — diz a Professora Thompson. — E não são apitos para “violação”. São uma ferramenta de segurança genérica. Se alguma vez se sentirem confrangidas no *campus*, soprem nos apitos.

— Os rapazes também têm? — pergunto.

A Lucy e a Deanna reviram os olhos.

— Para que é que os rapazes querem um apito? — pergunta a Deanna.
— Usa a cabeça.

Nisto, a Jenny ri-se sonoramente, como se a Lucy e a Deanna não revirassem os olhos para ela também.

É O PRIMEIRO DIA DE AULAS E O *CAMPUS* ESTÁ NUMA AZÁFAMA, OS edifícios com ripas de janelas escancaradas, os parques de estacionamento do pessoal lotados. Ao pequeno-almoço, bebo chá preto, empoleirada na ponta de uma mesa comprida ao estilo puritano, com o estômago revolvido de mais para comer. Os meus olhos dardejам pelo refeitório cujo teto mais parece de uma catedral, abarco caras novas e as mudanças em caras conhecidas. Reparo em tudo de toda a gente — a Margo Atherton de risco no lado esquerdo do cabelo para esconder o olho direito preguiçoso, o Jeremy Rice a roubar uma banana do refeitório todas as manhãs. Mesmo antes de o Tom Hudson começar a namorar com a Jenny, antes de haver razão para ligar ao que ele fazia, reparei na rotação exata das *t-shirts* de músicos que ele usava por baixo das camisas. É sinistra e foge ao meu controlo, esta capacidade que tenho de reparar em tanto noutras pessoas, quando tenho a certeza de que ninguém repara em nada em mim.

O discurso à assembleia realiza-se após o pequeno-almoço e antes da primeira aula, em suma, uma conversa de incentivo destinada a impulsionar-nos para o novo ano letivo. Entramos em fila e o auditório é todo em madeira quente e cortinas de veludo vermelho, o sol a derramar-se e a alumiar as filas curvas das cadeiras. Nos primeiros minutos da assembleia, enquanto a diretora Giles fala de códigos e políticas do colégio, o cabelo grisalho apanhado atrás das orelhas e a voz cronicamente trémula a ressoar, toda a gente parece novinha em folha e de cara animada. Porém, quando ela finalmente sai do palco, a sala está abafada e as testas começam a ficar perladas de suor. Um as filas atrás alguém resmunga:

— Isto vai levar muito tempo?

A Professora Antonova olha para trás com má cara. A meu lado, a Anna Shapiro abana-se com as mãos. Entra uma brisa pelas janelas abertas e sopra na bainha das cortinas de veludo corridas.

Nisto, sobe ao palco o Professor Strane, diretor do departamento de Inglês, reconheço-o mas nunca me deu aulas, nunca falei com ele. Tem cabelo preto ondulado e barba preta, óculos que fazem reflexo e não deixam ver os olhos, mas a primeira coisa em que reparo nele — a primeira coisa

em que qualquer pessoa repara — é o tamanho. Não é gordo, é grande e largo, tão alto que os ombros curvam-se como se o corpo quisesse pedir desculpa por ocupar tanto espaço.

De pé no pódio, tem de subir o microfone ao máximo. Começa a falar, o sol a refletir-se nos óculos, e eu pego na mochila e olho para o horário. Lá está, a última aula do dia: Literatura Americana, nível avançado, com o Profe Strane.

— Esta manhã, vejo jovens à beira de coisas grandiosas.

As palavras dele ressoam nas colunas, tudo enunciado com tanta clareza que quase incomoda ouvir: vogais longas, consoantes duras, como ser embalada só para ser bruscamente acordada. O que ele diz resume-se ao mesmo lugar-comum — “alcancem as estrelas, não se importem se não lá chegarem, sabe-se lá se não chegam à lua” —, mas é bom orador e, de algum modo, consegue transmitir profundidade.

— Neste ano académico, decidam nunca parar de se esforçarem por ser o vosso melhor possível — diz ele. — Desafiem-se a fazer de Browick um sítio melhor. Deixem a vossa marca. — Ele leva a mão ao bolso, tira uma bandana e limpa a testa com ela, revelando uma marca escura de suor a sair-lhe de debaixo do braço.

— Sou professor em Browick há treze anos — diz ele — e, nesses treze anos, assisti a inúmeros atos de coragem dos estudantes nesta escola.

Mexo-me no assento, ciente do próprio suor na parte de trás dos joelhos e na curva dos cotovelos, e tento imaginar o que quer ele dizer com atos de coragem.

O HORÁRIO DO SEMESTRE DE OUTONO INCLUI TRÊS CADEIRAS DE Quadro de Honra: Francês, Biologia e Literatura Americana; História Mundial Avançada, Geometria (do género que não é para génios matemáticos; até a Profe Antonova lhe chama “geometria para totós”), e uma opcional chamada Política e Comunicação Social nos EUA, em que vemos a CNN e falamos das próximas eleições presidenciais. No primeiro dia, atravesso o *campus* de sala em sala, carregada com livros, o volume de trabalho acrescido do primeiro para o segundo ano imediatamente aparente. O dia vai passando e cada profe nos avisa dos desafios vindouros, trabalhos de casa, exames, e ritmo acelerado, por vezes desenfreado — porque não se trata de uma escola qualquer e nós não somos jovens quaisquer; somos jovens excecionais e devemos acolher as dificuldades,

devemos alimentar-nos delas — sinto o cansaço a instalar-se. A meio do dia, já me custa manter a cabeça erguida pelo que, em vez de almoçar, volto ao Gould, enrolo-me na cama e choro. Se isto vai ser assim tão difícil, ocorre-me, para quê ralar-me? Não é maneira de abordar isto, muito menos no primeiro dia, e faz-me pensar no que estarei a fazer em Browick para começar, porque me deram uma bolsa de estudo, porque me acharam inteligente a ponto de cá estar. É uma espiral em que já andei, e de cada vez chego à mesma conclusão: provavelmente há algo de mal em mim, uma fraqueza intrínseca que se manifesta em preguiça, um medo do trabalho árduo. Além disso, parece que mais ninguém em Browick tem as minhas dificuldades. Passam de aula em aula sabendo cada resposta, sempre preparados. Fazem parecer fácilimo.

QUANDO CHEGO A LITERATURA AMERICANA, A ÚLTIMA AULA DO dia, a primeira coisa em que reparo é que o Profe Strane mudou de camisa desde o discurso à assembleia. Está de pé na frente da sala, encostado ao quadro de ardósia, braços cruzados ao peito, parece ainda maior do que parecia no palco. Somos dez na aula, incluindo a Jenny e o Tom e, quando entramos, os olhos do Profe Strane seguem-nos, como que a tirar-nos as medidas. Quando a Jenny entra, já estou sentada à mesa do seminário, a uns lugares de distância do Tom. Ele anima-se quando a vê, faz-lhe sinal para se sentar na cadeira vazia entre nós — não percebe porque é que isso está absolutamente fora de questão. Agarrada às alças da mochila, a Jenny faz-lhe um sorriso contraído.

— Vamos sentar-nos deste lado — diz ela, ou seja, o lado oposto, ou seja, longe de mim. — É melhor aqui.

Os olhos dela passam por mim como passaram na reunião do dormitório. De certo modo, parece tolice, tanto esforço para fazer de conta que uma amizade inteira nem nunca existiu.

Quando dá o toque para começar a aula, o Profe Strane não se mexe. Espera que façamos silêncio antes de falar.

— Depreendo que todos se conheçam — diz —, mas acho que não os conheço a todos.

Passa para a cabeceira da mesa do seminário e chama-nos aleatoriamente, pergunta o nome e de onde somos. Faz outras perguntas a alguns de nós — se temos irmãos; o mais longe que já viajámos; se pudéssemos escolher um nome novo, qual seria? Pergunta à Jenny com que idade se

apaixonou pela primeira vez e o rubor invade-lhe o rosto inteiro. Ao lado dela, o Tom também fica corado.

Quando chega a minha vez de me apresentar, digo:

— Chamo-me Vanessa Wye e não sou propriamente de parte alguma.

Rio-me com os nervos, de ouvir a estupidez destas palavras quando mas repetem.

— Quer dizer, é um lugar mas não propriamente uma localidade. Não tem nome. Chamam-lhe Divisão Vinte e Nove.

— Aqui no Maine? Naquele vale a leste da autoestrada? — pergunta ele. — Sei exatamente onde fica. Há um lago para esses lados com um nome lindo, Whale qualquer coisa.

Pestanejo, admirada.

— Whalesback. Nós moramos no lago. A nossa é a única casa arrendada o ano inteiro. — Vou falando e sinto uma pontada estranha no coração. Quase nunca sinto saudades de casa em Browick, mas talvez porque nunca ninguém sabe de onde venho.

— A sério? — O Profe Strane reflete um instante. — Sentes solidão nesse lugar?

Por instantes, fico muda. A pergunta faz um corte indolor, chocante de tão limpo. Mesmo que *solidão* não seja palavra que eu empregue para descrever a vida no meio do mato, ouvir o Profe Strane dizê-la agora faz-me pensar que deve ser verdade, provavelmente sempre foi verdade e, de súbito, fico encabulada, a imaginar essa solidão pespegada na minha cara, tão óbvia que até a um professor basta um olhar para saber que sou solitária. Consigo dizer:

— Acho que sim, às vezes.

Ora, o Profe Strane já passou à frente, pergunta ao Greg Akers como foi a mudança de Chicago para os sopés do Maine ocidental.

Depois de todos apresentados, o Profe Strane diz que a cadeira dele será a mais difícil que temos este ano.

— A maioria dos alunos diz-me que sou o professor mais exigente de Browick — diz ele. — Já me disseram que sou mais exigente do que professores da universidade. — Tamborila os dedos na mesa e deixa a gravidade da informação assentar. Depois avança para o quadro, pega num giz e começa a escrever. Por cima do ombro, diz: — Já deviam estar a tirar apontamentos.

Pegamos atabalhoadamente nos cadernos enquanto ele se lança numa preleção sobre Henry Wadsworth Longfellow e o poema “The Song of

Hiawatha”, de que nunca ouvi falar, e não posso ser a única mas, quando ele pergunta à turma se conhecemos, todos anuímos. Ninguém quer parecer estúpido.

Enquanto ele fala, vou olhando de soslaio para a sala. O esqueleto é o mesmo que em todas as outras no edifício das humanidades — soalho de madeira, uma parede com estantes embutidas, quadros de ardósia verde, uma mesa de seminário —, mas esta sala de aula parece habitada e confortável. Há um tapete com motivo puído ao centro, uma grande secretária de carvalho alumada por um candeeiro verde, máquina de café e caneca com o brasão de Harvard em cima de um armário arquivador. O cheiro a erva cortada e o som do motor de um carro a arrancar entram pela janela aberta e, no quadro, o Profe Strane escreve um verso de Longfellow com tal intensidade que o giz esmigalha-se na mão. A dada altura, detém-se, vira-se para nós e diz:

— Se levarem alguma coisa desta aula, é que o mundo se compõe de histórias infinitamente entretecidas, cada uma delas válida e verdadeira.

Esforço-me por copiar tudo o que ele diz à letra.

A cinco minutos de terminar, a aula suspende-se de repente. O Profe Strane deixa cair os braços ao longo do corpo, deixa cair os ombros. Abandona o quadro, senta-se à mesa do seminário, esfrega a cara, e solta um suspiro. Depois, em voz cansada, diz:

— O primeiro dia é sempre tão longo.

À volta da mesa, aguardamos, sem saber o que fazer, as canetas a pairar nos cadernos.

Ele tira as mãos da cara.

— Vou ser sincero com vocês — diz. — Estou cansado, porra.

Do outro lado da mesa, a Jenny ri-se, admirada. Por vezes, os profes abandalham nas aulas, mas nunca ouvi nenhum dizer “porra”. Nunca me ocorreu que um profe dissesse.

— Não se importam que eu diga palavrões? — pergunta. — Já devia ter pedido autorização. — Entrelaça as mãos, numa sinceridade sarcástica. — Se o meu recurso ao vernáculo ofender verdadeiramente alguém aqui, fale agora ou cale-se para sempre.

Claro que ninguém diz nada.

*

AS PRIMEIRAS SEMANAS DO ANO PASSAM DEPRESSA, NUMA SUCESSÃO de aulas, pequenos-almoços de chá preto e almoços de sandes de

manteiga de amendoim, horas de estudo na biblioteca, serões de programas da Warner Brothers na sala comum do Gould. Fico de castigo por faltar a uma reunião de dormitório, mas convenço a Profe Thompson a deixar-me passear-lhe o cão em vez de me sentar com ela no gabinete do dormitório durante uma hora, coisa que nenhuma de nós quer fazer. Passo a maioria das manhãs antes das aulas a terminar trabalhos de casa à última hora porque, por mais que me esforce, estou sempre atrapalhada, sempre à beira de ficar atrasada. Os profes insistem ser coisa que eu deveria saber corrigir; dizem que sou inteligente mas desconcentrada e desmotivada, maneiras ligeiramente mais simpáticas de dizer que sou preguiçosa.

Poucos dias depois de me instalar, tenho o quarto numa trapalhada de roupa, papéis soltos, canecas de chá meio bebido. Perco a agenda que me ajudaria a acompanhar as coisas, mas já seria de esperar, porque eu perco tudo. No mínimo uma vez por semana, abro a porta e dou com as chaves penduradas na maçaneta, deixadas por quem as tiver encontrado numa casa de banho ou sala de aula ou refeitório. Não consigo saber de nada — os manuais acabam entalados entre a cama e a parede, os trabalhos de casa amassados no fundo da mochila. Os profes ficam sempre exasperados perante os meus trabalhos amarrotados, lembram-me sempre dos pontos que perco por desleixo.

— Precisas de um sistema de organização! — brada o profe de História Avançada, enquanto procuro freneticamente no manual os apontamentos que tirei um dia antes. — Ainda só estamos na segunda semana. Como é que já estás tão atrapalhada?

Que eu acabe por encontrar os apontamentos não invalida a observação dele: sou desmazelada, o que é sinal de fraqueza, um defeito grave.

Em Browick, profes e orientandos jantam juntos uma vez por mês, tradicionalmente em casa dos profes, mas a minha orientadora, a Profe Antonova, nunca nos convida.

— Tenho de ter limites — diz ela. — Nem todos os professores concordam comigo, e não faz mal. Eles têm alunos a invadir-lhes a vida, não faz mal, mas não é para mim. Vamos a algum lado, comemos, conversamos um pouco, e depois vamos todos para casa. Limites.

Na primeira reunião do ano, ela leva-nos ao restaurante italiano na Baixa da localidade. Estou concentrada a enrolar massa no garfo e a Profe Antonova salienta que a falta de organização é o tópico mais urgente que tenho nos comentários do corpo docente. Tento não mostrar descaso quando respondo que hei de tratar disso. Ela dá a volta à mesa a dizer aos

orientandos os seus tópicos comentados. Mais ninguém tem problemas de organização, mas o meu nem é o pior; o Kyle Guinn não entregou trabalhos em duas das disciplinas, uma ofensa grave. Quando a Profe Antonova lê o comentário dele, nós ficamos a olhar para a massa no prato, aliviados por não estarmos tão mal como ele. No fim do jantar, depois de levantarem a mesa, ela passa uma lata com buracos de donuts caseiros recheados com cereja.

— São *pampuchki* — diz ela. — Ucrrianos, como a minha mãe.

Sáimos do restaurante, subimos a ladeira para o *campus*, e a Profe Antonova marca passo comigo.

— Esqueci-me de dizer, Vanessa, que deves fazer uma extracurricular este ano. Talvez mais do que uma. Deves pensar em candidatar-te à faculdade. Neste momento, pareces pouco sólida.

Desata a fazer sugestões e eu vou anuindo. Sei que tenho de me envolver mais, e tenho-me esforçado — na semana passada, fui para aderir ao clube de Francês mas saí logo, quando percebi que os membros usavam boinas pretas em cada reunião.

— E se for o clube de escrita criativa? — diz ela. — Parece bom para ti, com a tua poesia.

Também já pensei nisso. O clube de escrita criativa publica um jornal literário e, no ano passado, li-o de ponta a ponta, comparei os meus poemas com aqueles publicados, e tentei ser objetiva quando decidi quais eram melhores.

— Pois, talvez — respondo.

Ela põe-me a mão no ombro.

— Pensa nisso — diz. — O Profe Strane é o orientador deste ano, e é bom na matéria.

Olha por cima do ombro, bate as palmas e diz qualquer coisa em russo aos tresmalhados mais atrás, coisa que, por alguma razão, é mais eficaz do que o inglês para nos fazer despachar.

O CLUBE DE ESCRITA CRIATIVA TEM OUTRO MEMBRO, O JESSE LY — caloiro, o mais próximo que Browick tem de um gótico, alegadamente *gay*. Quando entro na sala, está sentado à mesa do seminário diante de uma resma de papéis, as botas da tropa em cima de uma cadeira, a caneta atrás da orelha. Olha para mim mas não diz nada. Duvido que saiba o meu nome sequer.

Porém, o Profe Strane salta de trás da secretária e atravessa a sala na minha direção.

— Vens para o clube? — pergunta.

Abro a boca, sem saber o que dizer. Se soubesse que haveria só mais uma pessoa provavelmente nem teria vindo. Quero retroceder logo, mas o Profe Strane está encantado, aperta-me a mão e diz:

— Vais aumentar os nossos números em cem por cento.

Portanto, parece que não posso mudar de ideias.

Leva-me para a mesa do seminário, senta-se a meu lado, explica que a resma de papéis tem submissões para o jornal de literatura.

— Tudo trabalho dos alunos — diz. — Faz o que puderes para não ligar aos nomes. Lê cada um atentamente, até ao fim, antes de tomar uma decisão.

Diz para eu escrever comentários nas margens, atribuir a cada submissão um número de um a cinco, em que um é não definitivo e cinco é sim definitivo.

Sem levantar os olhos, diz o Jesse:

— Tenho verificado. É o que usámos o ano passado. — Aponta para os papéis que já leu; no canto superior direito de cada um está um visto pequenino, visto menos ou visto mais. O Profe Strane ergue o sobrolho, obviamente aborrecido, mas o Jesse não repara. Tem os olhos fixos no poema que está a ler.

— O método que vocês dois decidirem está bem — diz o Profe Strane. Sorri-me, pisca-me o olho. Levanta-se e dá-me palmadinhas no ombro.

Com o Profe Strane do outro lado da sala, de volta à secretária, tiro uma submissão da resma, um conto intitulado “O pior dia da vida dela”, de Zoe Green. A Zoe estava na minha turma de Álgebra no ano passado. Sentava-se atrás de mim e ria-se sempre que o Seth McLeod me chamava Ruivona, como se fosse a coisa mais engraçada que ela jamais ouvira. Abano a cabeça e tento tirar esse enviesamento da cabeça. Por isso é que o Profe Strane disse para não ligar aos nomes.

O conto dela é sobre uma rapariga na sala de espera de um hospital a quem a avó morre, e já estou entediada quando chego ao fim do primeiro parágrafo. O Jesse apanha-me a folhear para ver quantas páginas tem e, em voz baixa, diz:

— Não é preciso ler tudo, se não prestar. Fui redator do jornal de literatura no ano passado, quando a Profe Bloom era orientadora, e ela não se ralava.

Os meus olhos dardejaram para o Profe Strane, sentado à secretária, debruçado sobre a sua pilha de papéis. Encolho os ombros e digo:

— Vou continuar a ler. Não faz mal.

O Jesse semicerra os olhos para mirar a página que tenho nas mãos.

— Zoe Green? Não é a rapariga que perdeu a cabeça no torneio de debates do ano passado?

Pois foi — a Zoe, encarregada de defender a pena de morte, desfez-se em lágrimas na ronda final com o adversário Jackson Kelly, chamou racista e imoral à posição deste, o que provavelmente não o teria chateado tanto se o Jackson não fosse negro. Depois de o Jackson ser declarado vencedor do torneio, a Zoe disse sentir-se pessoalmente agredida pela refutação dele, que era contra as regras do debate, e acabaram os dois em primeiro lugar, o que foi uma treta e toda a gente sabia.

O Jesse debruça-se e tira-me o conto da Zoe das mãos, faz um visto menos no canto superior direito, e atira-o para a resma de “nãos”.

— *Voilà* — remata.

Durante o resto da hora, enquanto eu e o Jesse lemos, o Profe Strane faz avaliações, sentado à secretária ao fundo da sala, sai ocasionalmente para tirar fotocópias ou buscar água para a máquina do café. A dada altura, descasca uma laranja e o aroma enche a sala. No final da hora, quando me levanto para sair, o Profe Strane pergunta se virei ao encontro seguinte.

— Não sei bem — respondo. — Ainda estou a experimentar coisas diferentes.

Ele sorri e espera que o Jesse saia da sala antes de dizer:

— Acho que isto não te oferece muito socialmente.

— Oh, isso não me incomoda — digo. — Também não sou exatamente uma pessoa superssocial.

— Então porquê?

— Sei lá. Acho que não tenho muitos amigos.

Vejo-o anuir com ar pensativo.

— Compreendo o que queres dizer. Também gosto de estar sozinho.

O meu primeiro impulso é dizer não, que não gosto nada de estar sozinha, mas talvez tenha razão. Talvez eu seja mesmo solitária por opção, talvez prefira a minha própria companhia.

— Bem, eu era a melhor amiga da Jenny Murphy — digo. — Da turma de Inglês.

As palavras saem-me, apanham-me desprevenida. É mais do que alguma vez contei a um professor, especialmente um homem, mas a maneira

como ele olha para mim — sorriso de olhos brandos, queixo apoiado na mão — dá-me vontade de falar, de me exhibir.

— Ah — diz ele. — A pequena Rainha do Nilo. — Quando franzo a testa, confusa, ele explica que se refere ao corte de cabelo dela, que lhe dá um ar de Cleópatra e, ao dizê-lo, sinto uma pontada de alguma coisa no estômago, como ciúmes, mas mais mesquinho.

— Não me parece que o cabelo dela seja assim *tão* giro — digo. O Profe Strane mostra os dentes.

— Então vocês eram amigas. O que é que mudou?

— Ela começou a namorar com o Tom Hudson.

Ele reflete um momento.

— O rapaz das patilhas.

Anuo, a pensar na maneira com que os professores nos reconhecem e categorizam na sua cabeça. A que será que ele me associa, se falarem em Vanessa Wye? A rapariga do cabelo ruivo. Aquela rapariga que está sempre sozinha.

— Então sofreste uma traição — diz ele, referindo-se à Jenny.

É algo em que ainda não pensei, e sinto calor no peito com a ideia. Sofri. Não era que a tivesse afastado por sentir de mais ou me apegar de mais. Não, eu fui enganada.

Ele levanta-se e vai ao quadro, começa a apagar os apontamentos que ficaram da aula.

— O que é que te fez experimentar o clube? Tens uma lacuna no currículo?

Anuo; parece-me bem ser sincera com ele.

— A Profe Antonova disse que eu devia. Mas gosto de escrever.

— O que é que escreves?

— Poemas, principalmente. Não são bons nem nada.

O Profe Strane sorri por cima do ombro, de uma maneira que consegue ser bondosa e condescendente.

— Gostaria de ler trabalhos teus.

O meu cérebro prende-se à maneira com que ele diz “trabalhos teus”, como se as coisas que escrevo fossem dignas de levar a sério.

— Claro — respondo. — Se quiser mesmo.

— Quero mesmo — diz ele. — Não pediria se não quisesse.

Com isto, sinto-me corar. O meu pior hábito, segundo a minha mãe, é a maneira como aparo elogios com autodepreciação. Tenho de aprender a aceitar louvores. Tudo se resume a autoconfiança, diz ela, ou falta dela.

O Profe Strane pousa o apagador na calha do giz e contempla-me do outro lado da sala. Mete as mãos nos bolsos, olha-me de alto a baixo.

— É um vestido bonito — diz. — Gosto do teu estilo.

Murmuro obrigada, os bons modos instilados tão fundo que são reflexos, e olho para o vestido. É de malha verde-tropa, vagamente rodado, mas praticamente sem forma, e fica por cima do joelho. Não tem estilo; só uso porque gosto do contraste da cor no meu cabelo. Parece estranho que um homem de meia-idade repare em roupa de rapariga. O meu pai mal sabe a diferença entre um vestido e uma saia.

O Profe Strane volta ao quadro e começa a apagar outra vez, embora já esteja tudo limpo. Quase parece embaraçado, e parte de mim quer agradecer-lhe outra vez, mas sinceramente agora. “Muito obrigada”, poderia dizer. “Nunca ninguém me tinha dito isso.” Espero que ele volte a virar-se, mas continua a passar o apagador para a frente e para trás, manchas nebulosas numa extensão verde.

Nisto, quando me acerco da porta, ele diz:

— Espero ver-te outra vez na quinta-feira.

— Oh, claro — digo. — Vai ver.

Por conseguinte, vou outra vez na quinta-feira, e na terça-feira seguinte, e na quinta-feira seguinte. Fico membro oficial do clube. Eu e o Jesse demoramos mais do que o esperado para terminar de escolher peças para o jornal de literatura, principalmente porque sou uma indecisa, volto atrás e mudo de voto várias vezes. Entretanto, a avaliação do Jesse é rápida e implacável, a caneta a cortar a página. Quando lhe pergunto como consegue decidir tão depressa, ele diz que deve ser óbvio logo na primeira linha se algo presta ou não. Certa quinta-feira, o Profe Strane desaparece no gabinete atrás da sala de aula e volta com uma resma de edições antigas, para percebermos o que se pretende com o jornal, embora o Jesse tenha sido redator no ano passado, claro que já sabe. Folheio um exemplar e vejo o nome do Jesse no índice, secção “Ficção”.

— Olha, estás aqui — digo. Ao ver, ele resmunga:

— Não leias à minha frente, se faz favor.

— Porque não? — Tresleio a primeira página.

— Porque eu não quero.

Guardo o exemplar na mochila e esqueço-me disso até depois do jantar, quando estou afogada em trabalhos de casa de Geometria incompreensível, ávida de distração. Pego no jornal e vou logo à peça dele, leio-a duas vezes. É boa, mesmo boa, melhor do que qualquer coisa que já escrevi,

melhor do que qualquer submissão que já lemos para o jornal. Quando tento dizer-lhe isto no encontro seguinte, ele corta-me logo a conversa.

— A escrita já não é a minha cena — afirma.

Noutra tarde, o Profe Strane mostra-nos como usar o novo *software* de publicação para formatar esta edição. Eu e o Jesse ficamos lado a lado ao computador, com o Profe Strane atrás de nós, a ver e a corrigir. A dada altura, quando me engano, ele debruça-se e orienta-me o rato, a mão tão grande que cobre a minha por completo. O toque dele deixa-me o corpo todo quente. Quando me engano outra vez, ele repete, desta feita aperta-me um bocadinho a mão, como que a reconfortar-me que hei de apanhar o jeito, mas não faz o mesmo ao Jesse, nem quando ele sai sem querer, e sem guardar, e o Profe Strane tem de explicar as etapas do início outra vez.

CHEGAMOS AO FIM DE SETEMBRO E, DURANTE UMA SEMANA, O clima está perfeito, soalheiro e fresco. A cada manhã, as folhas estão mais luminosas, transformam as montanhas verdejantes em redor de Norumbega numa mancha de cores. O *campus* fica com o aspeto da brochura que me deixou obcecada, ao preencher a candidatura a Browick — alunos de camisola, relvados verdes luzidios, a hora dourada a iluminar as ripas brancas. Deveria desfrutar mas, em vez disso, o clima deixa-me num desassossego, num pânico. Depois das aulas estou incapaz de sossegar, passo da biblioteca para a sala comum do Gould, vou ao quarto e volto à biblioteca. A cada lugar, fico ansiosa por estar noutra qualquer.

Certa tarde dou a volta ao *campus* três vezes, insatisfeita com todos os lugares que experimento — a biblioteca escura de mais, o meu quarto desarrumado deprimente de mais, tudo o resto apinhado de gente a estudar em grupos que só destacam a minha solidão, sempre sozinha — antes de me obrigar a parar na encosta relvada atrás do edifício das humanidades. *Tem calma, respira.*

Encosto-me ao ácer solitário que os meus olhos veem durante as aulas de Inglês e levo as costas da mão às faces quentes. Estou tão alterada que até transpiro, e só estão dez graus.

Aqui está bom, penso. Trabalha aqui e tem calma.

Sento-me encostada à árvore e pego na mochila, passo do manual de Geometria ao caderno de espiral, a pensar que me sentirei melhor se trabalhar num poema primeiro mas, quando abro no mais recente, umas estrofes

sobre uma rapariga presa numa ilha que chama marinheiros a atracar, leio os versos e percebo que não prestam — desajeitados, desconjuntados, praticamente desarticulados. Achava eu que os versos eram bons. Como é que pensei que eram bons? São péssimos. Provavelmente, todos os meus poemas são péssimos. Enrolo-me numa bola e faço pressão com o cutelo da mão nas pálpebras até ouvir passos, folhas a restolhar e gravetos a partir. Levanto os olhos e uma silhueta imponente tapa-me o sol.

— Ora viva — diz.

Escudo os olhos — é o Profe Strane. O semblante muda quando vê a minha cara, os olhos vermelhos.

— Estás chateada — diz ele.

Olho para ele e anuir. Parece não servir de nada mentir.

— Preferes ficar sozinha? — pergunta.

Hesito, mas abano a cabeça.

Ele baixa-se até ao chão a meu lado, deixa uns centímetros entre nós. Tem as pernas compridas esticadas, o contorno dos joelhos visível por baixo das calças. Continua de olho em mim, vê-me secar os olhos.

— Não queria impor a minha presença. Vi-te daquela janela, achei por bem dizer olá. — Aponta para trás de nós, para o edifício das humanidades.

— Posso perguntar o que te chateia?

Respiro fundo, tento escolher as palavras mas, após um momento, abano a cabeça.

— É grande de mais para explicar — digo.

Porque é mais do que o poema não prestar, ou eu não conseguir escolher um sítio para estudar sem me cansar. É um sentimento mais sombrio, um medo de haver algo de mal comigo e de nunca o conseguir corrigir.

Conto que o Profe Strane não insista. Mas, em vez disso, ele espera da mesma maneira que esperou na aula por uma resposta a uma pergunta difícil. “Claro que parece grande de mais para explicar, Vanessa. As perguntas difíceis servem para te fazer sentir assim.”

Respiro fundo e digo:

— Esta altura do ano dá comigo em louca. Como se o tempo se me estivesse a acabar, ou coisa assim. Como se andasse a desperdiçar a vida.

O Profe Strane pisca os olhos. Consigo perceber que não estava à espera que eu dissesse isto.

— A desperdiçar a vida — repete.

— Sei que não faz sentido.

— Faz, sim. Faz todo o sentido. — Apoia-se para trás nas mãos, inclina